ROGÉRIO REIS

PAPARAZZO DE ANÔNIMOS

TEXTO *Luís Antônio Giron*

COMO UM FOTÓGRAFO CONSEGUIU SOBREVIVER À MORTE DE SUA PROFISSÃO, TRANSFORMANDO-SE EM ARTISTA EM ANDANÇAS PELAS RUAS DO RIO DE JANEIRO

© Vivaldo Reis

Surfistas de trem de Japeri, subúrbio do Rio. Registro de um momento em que os meninos pobres acreditavam no fotógrafo

“AS FOTOS ESTÃO LÁ, É SÓ CLICAR. A NATUREZA SE IMPÕE. O FOTÓGRAFO SE TORNA UM COADJUVANTE”

***Ninguém é de ninguém.* Banhistas apanhados de surpresa na praia do Arpoador, onde se misturam classes e comportamentos**

O fotógrafo Rogério Reis costuma “roubar” fotos de frequentadores da praia, pedestres, tipos que se movimentam pelas esquinas da terra natal Rio de Janeiro. São pequenos contraventores, surfistas radicais, foliões indo embora para casa na Quarta-Feira de Cinzas e banhistas surpreendidos em atividades tão banais que não gostariam de se ver fixados em uma fotografia, ainda mais pendurada em uma exposição de prestígio.

“Sou um fotógrafo que busca imagem na rua”, diz Reis. “Não sou paisagista. A paisagem é decorrência do comportamento das pessoas”. Ele faz esta última advertência porque acha que o Rio de Janeiro apresenta um cenário acabado. Tão pronto que a paisagem magnífica da cidade ofusca e cega o olhar do fotógrafo: “As fotos estão lá, é só clicar. A natureza se impõe. O fotógrafo se torna um coadjuvante”.

A experiência de batedor de flagrantes o levou a elaborar uma “Cartilha para tirar fotos espontâneas nas praias do Rio”. Uma das dicas que dá é ser tolerante com banhistas, policiais e ambulantes, já que eles não conhecem a “motivação artística” do homem que carrega a câmera. Na realidade, o artista não pode ser notado. Não se revela nem revela um retrato. Ao contrário, precisa se apagar na paisagem para captar a vida que passa por ele. Na era da *selfie*, o fotógrafo desaparece.

“Sou um paparazzo de anônimos”, afirma Reis. Assim nasceu a série *Ninguém é de Ninguém* (2011-2014), sobre banhistas apanhados de surpresa na praia do Arpoador, onde se misturam todas as classes e todos os comportamentos possíveis. O efeito das fotos roubadas ali beira a excentricidade, até porque os rostos são ocultos por tarjas coloridas. Trata-se também de um subterfúgio para evitar processos de uso da imagem.

Até bem pouco tempo atrás, ninguém se preocupava com a utilização que se fazia da própria imagem. A imagem era um pássaro livre para quem a pegasse. “As coisas mudaram muito desde que comecei a fotografar, em 1977”, conta Reis. “Antes, o fotógrafo que aparecesse em uma praia era bem-vindo, porque ser fotografado tinha algo de bacana. Todo mundo queria estar na mira do fotógrafo, que era quem detinha uma espécie de conhecimento oculto da imagem. Agora todo mundo desconfia, acha que o fotógrafo vai se valer da imagem contra quem é fotografado”.

Atualmente, Reis usa como bússola uma frase do grafiteiro britânico Bancksy: “É mais fácil pedir perdão do que permissão”. Primeiro dispara e depois se desculpa, caso seja necessário (em geral não é).

A verdade é que ele gosta de provocar. Considera seus avanços sobre modelos anônimos um ato de resistência à desconfiança. Os banhistas chegaram a ameaçá-lo de processo e o chamaram de “pedófilo”, mesmo que não houvesse nenhuma criança por perto: “São reações que revelam o preconceito contra o fotógrafo, resultado da atual superprodução de imagens. Hoje, com a câmera digital, todo mundo fotografa. Acabou o tempo em que o fotógrafo detinha o monopólio da imagem”.

A perda da primazia da imagem é a razão pela qual os fotógrafos profissionais têm buscado linguagens novas para se transformar em artistas. Adotaram o circuito das exposições internacionais, produzem álbuns e expõem suas obras de arte. Os fotógrafos são atualmente artistas da imagem que preservam suas obras com direitos autorais.

O percurso de Rogério Reis foi de repórter a artista. Aos 61 anos, ele é um dos últimos remanescentes do fotojornalismo, embora não se dedique mais exatamente a ele, como no início da carreira, no Jornal do Brasil, passando por O Globo e revista Veja. “O repórter fotográfico perdeu o cartaz para o ‘repórter cidadão’, aquele espectador que tira fotos por senso de oportunidade”, afirma. “Os fatos não esperam mais pelos grandes fotógrafos. Antes parecia que a notícia esperava pelo olhar treinado e a técnica do profissional. A fotografia deixou de ser exclusividade dos fotógrafos”.

Na opinião dele, até mesmo o paparazzo de celebridades já teve seu apogeu: “O glamour do paparazzo acabou com o fim do high society carioca. Hoje ainda resta um resíduo nas revistas de celebridades. Mas é um falso paparazzo que está em ação. Afinal, ele tem o consentimento da celebridade. Um sustenta a outra”.

Reis também fez muita foto consentida. “Fazer retratos é o maior desafio do fotógrafo”, diz. “Isso porque ele precisa interagir com o modelo e muitas vezes usar de psicologia para arrancar um gesto ou um olhar da pessoa”.

A demonstração do que ele diz aconteceu em 1982. Trabalhava na sucursal da revista Veja, quando foi pautado para tirar uma foto do poeta Carlos Drummond de Andrade, que completava 80 anos. “O pessoal da sede da revista seguia o velho chavão e exigia que a gente fizesse as fotos externas, para aproveitar a paisagem do Rio”, conta. “Fui à casa de Drummond, que era meu vizinho na rua Conselheiro Lafaiete, em Copacabana. Tive de convencê-lo a fazer a foto na beira da praia, mesmo que ele não costumasse ir para lá”. O fotógrafo pediu que o escritor andasse pela rua Rainha Elizabeth, sentasse no banco do calçadão e olhasse para a câmera. Drummond não gostou e disse: “Meu filho, você vai fotografar um mineiro dando as costas para o mar? Isso é absurdo!”. Foi então que Reis fez a foto meio de lado, com Drummond contemplando o mar. “Tive que montar a situação para o retrato fluir”. A foto foi transformada em escultura, uma das mais populares da capital carioca. Mas a foto de Drummond preferida pelo retratista é aquela em que ele se senta no tapete da sala, em uma atitude aparentemente avessa à imagem de austeridade que criou em torno de si. Uma conversa com o modelo bastou para o fotógrafo captar um momento clássico. “Ela dependeu do consenso do fotografado”, afirma.

Cordão do Bola Preta, Centro do Rio. Como outros fotógrafos, Rogério adotou o circuito das exposições internacionais

Série *Na Lona* produziu retratos de foliões rejeitados do desfile das escolas de samba

Reis elevou a foto consensual ao absurdo em 1988, ao criar a série *Surfistas de Trem*. Em suas andanças pelos subúrbios do Rio, percebeu as nuances plásticas da imagem insólita dos jovens que usavam o ramal de Japeri, para "surfar" nos tetos dos trens, arriscando a vida pelo prazer de um esporte radical e proibido. Reis fez cinco viagens ao local e propôs aos meninos vender camisetas e dividir o lucro das fotos. O fotógrafo tinha de arriscar o pescoço como o surfista, pois fazia as fotos com metade do corpo fora da janela do trem em movimento, e precisava evitar os postes que poderiam feri-lo. Escapava da morte súbita ao aviso dos surfistas.

A tribo urbana dos surfistas de trem foi em seguida dizimada. "Era um absurdo", lembra Reis. "Eles morriam às pencas. Ficou o registro de um momento em que os meninos pobres acreditavam no fotógrafo. Hoje, teria sido impossível produzir essa série. Além de não existir mais o tipo urbano do surfista de trem, o pessoal da comunidade não aceitaria os termos do fotógrafo".

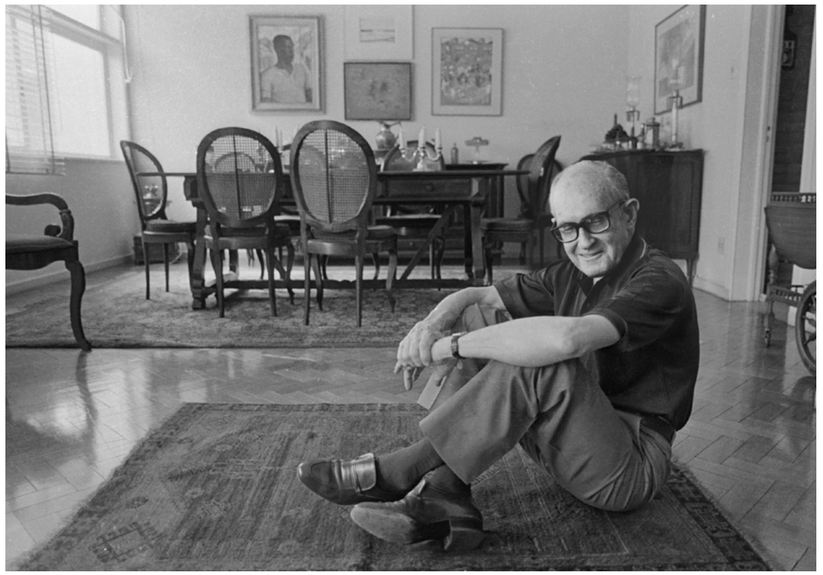
Hoje, também seria improvável um fotógrafo paternalmente incentivar um garoto de rua a sair pela comunidade para fazer uma reportagem sobre o seu dia a dia. Por volta de 1979, Reis visitou a *Cidade de Deus* e deixou a criançada mexer na câmera. Um dos jovens que estava por lá era Paulo Lins, o futuro escritor do romance Cidade de Deus, que deu origem ao filme homônimo de Fernando Meirelles, sucesso mundial de 2002. "Paulo e Fernando me disseram que o fotógrafo que convida o menino Buscapé a tirar fotos foi baseado em mim. Só posso sentir orgulho porque é o único personagem no filme que pratica a cidadania".

Todas essas experiências comunitárias o inspiraram a fazer as pautas de sempre do jornalismo, só que fora do tempo das notícias. "São as mesmas questões da cidade e da desigualdade social, só que as imagens passaram a ser regidas pelo regime da arte. Saí do jornal para ir às galerias e aos festivais. Só no Brasil, são 15 e, no mundo todo, mais de 200. Os fotógrafos têm um circuito artístico consolidado".

Entre 1987 e 2001, Reis procurou a pauta fora da mídia e montou a série *Na Lona*. Produziu retratos de foliões rejeitados do desfile das escolas de samba, em um estúdio improvisado e dotado de uma lona grosseira. "Eu me inspirei em Diane Arbus para fotografar as pessoas", diz, mencionando a fotógrafa americana de figuras grotescas. "Mas acabei fazendo outra coisa: retratos inesperados de brasileiros excluídos e felizes, brincando no Carnaval".

Eram tempos em que o fotógrafo ainda não tinha a noção total do resultado do trabalho. A foto precisava ser revelada e então fixada no papel. Com a fotografia digital, os fotógrafos passaram a produzir grande quantidade de material, o que desafiou Reis a repensar a profissão. "O fotógrafo do século 21 tem que ser editor de si mesmo", afirma. "Ao mesmo tempo, muita gente produz qualquer coisa em quantidades enormes, porque sabe que, no final, o material será editado. Há fotógrafos que disparam a câmera em tal velocidade que nem olham para o objeto a ser fotografado. Fazem tudo no automático. Ora, isso é fotografia?".

Ele passou a refletir sobre o estatuto da fotografia e a passar por uma depuração estética. Nas aulas que costuma dar em universidades, estabeleceu cinco princípios para o fotógrafo contemporâneo: manter a honestidade, dedicar-se a aprofundar o tema, deixar o trabalho amadurecer na gaveta, ter interlocutores para trocar ideias e desenvolver a paciência. "Não acredito em trabalho rápido", afirma. Onde estava o fotógrafo hoje há um artista. A rua é o seu ateliê.



Drummond, 80 anos. O poeta em uma atitude aparentemente avessa à imagem de austeridade que criou em torno de si

Rogério Reis: "Sou um fotógrafo que busca imagem na rua"

Torcida do América, Maracanã.
Rogério considera seus avanços sobre modelos anônimos ato de resistência à desconfiança

CARTILHA PARA TIRAR FOTOS ESPONTÂNEAS NAS PRAIAS DO RIO

1. Para você não ter que dar explicações de toda ordem, mantenha-se em movimento, seja discreto, use o foco automático e dê preferência às fotos horizontais. A rotação dos braços para o formato vertical chama a atenção e denuncia o clique.
2. Seja tolerante com os banhistas, vendedores e policiais. Eles desconhecem suas motivações artísticas.
3. Caso você seja procurado por rapazes ou meninas atraídos pela sua teleobjetiva, é porque desejam fama e sucesso. Eles pensam que você é um paparazzo de celebridades, facilitador de sonhos.
4. Atenção redobrada com os fora da lei. Não são identificáveis, são agressivos e podem chegar às vias de fato. Nesse caso, delete as fotos diante deles. Eles acreditam que você é fiscal da Prefeitura ou colabora com a polícia.
5. Não conte com a ação preventiva da Guarda Municipal e da Polícia Militar para questões simples de cidadania, como fila do banheiro público etc. Diante das praias cheias, eles estão preocupados com a possibilidade de distúrbios.
6. Caso não tenha um amigo salva-vidas, desista de subir na plataforma de observação dos postos de salvamento. O ângulo é excelente e seguro para tomadas panorâmicas, mas a burocracia da Defesa Civil é infernal.
7. Caso você perceba que está sendo observado por um suspeito, gesticule simulando uma comunicação por sinais à distância. Pode funcionar.
8. Tenha sempre em mente a frase do Banksy, artista de rua inglês, sobre suas ações no espaço público: "É sempre mais fácil conseguir perdão do que permissão".
9. Uma das maneiras de proteger a identidade das pessoas fotografadas é aplicar figuras geométricas sobre as faces. Isso pode produzir um diálogo estético, curioso e irônico. Para isso você encontra exemplos poéticos nas obras do húngaro László Moholy-Nagy e do americano John Baldessari.